

A SOCIOLINGÜÍSTICA DA ORAÇÃO SUBSTANTIVA EM PORTUGUÊS

Irene Wherritt

University of Kansas

Nos anos sessenta, quando os lingüistas começaram a estudar a variação sociolingüística, voltaram sua atenção para a fonologia mais do que para a sintaxe(1). Isto se justifica em parte porque as variáveis fonológicas são captadas facilmente em fita, por meio de vários tipos de teste; assim sendo, as variações na sintaxe foram deixadas de lado (2) William Labov, *Language in the Inner City* (Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972), mostra que o estudo da língua no seu contexto social não tem que limitar-se necessariamente ao nível de variáveis fonológicas e que se pode descrever a sintaxe e o discurso, especialmente se as técnicas de entrevista forem aprimoradas. Tomando por base conhecimentos adquiridos através do estudo de Labov sobre a variação sintática no inglês dos negros, investiguei o subjuntivo no português do Brasil (3) O presente estudo trata especificamente do emprego do subjuntivo e indicativo nas orações substantivas, construção em que ocorre grande variação sociolingüística. A primeira parte contém uma explicação breve sobre procedimentos de trabalho de campo e fatores sociológicos relacionados com o estudo. Em segundo lugar, é postulada uma regra para o em-

(1) — Exemplos de tais estudos estão em Roxana Ma e Eleanor Herasimchuk, "The Linguistic Dimensions of a Bilingual Neighborhood", *Bilingualism in the Barrio*, ed. Joshua A. Fishman, Robert L. Cooper, Roxana Ma, et al. (The Hague: Mouton, 1971), pp. 347-464; e Walter A. Wolfram, *A Sociolinguistic Description of Detroit Negro Speech* (Washington: Center for Applied Linguistics, 1969).

(2) — Willim Labov, *Sociolinguistic Patterns* (Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972). O estudo de Labov em grandes lojas novaiorquinas mostra que os dados sobre variáveis fonológicas podem ser colhidos de uma maneira rápida e eficiente.

(3) — Agradeço uma verba do Conselho de Pós-Graduação da Universidade de Novo México que me facilitou a realização do trabalho de campo. Também agradeço aos professores John Bergen, Garland Bills e Thomassina Hannum da mesma universidade, que me deram muitas sugestões valiosas; aos professores Massaud e Antonieta Moisés e Léa Carboni, que facilitaram as entrevistas em São Paulo; e a Professora Vera Paredes da P.U.C., Rio de Janeiro, que revisou o português deste trabalho.

prego do subjuntivo. Seguem-se observações gerais sobre as orações substantivas. Depois, mostro que a idade e os níveis sócioeconômicos e de instrução dos falantes correlacionam-se com seu emprego dos modos. Nas partes seguintes investigo as diferenças de uso do presente e do imperfeito do subjuntivo nas orações substantivas, a variação estilística, e a correlação de tempos. Finalmente se extraem conclusões gerais de toda a matéria apresentada.

1. Trabalho de campo e variáveis sociológicas

Os dados se baseiam em trabalho de campo realizado em São Paulo. Gravei fitas com cinquenta e seis informantes que participaram de conversa livre e de testes orais de completar, repetir e opinar intuitivamente. Outro grupo de oitenta e sete estudantes fez uma prova escrita de preencher lacunas.

Todos os informantes são falantes nativos de português, nascidos no Estado de São Paulo, sendo a maioria da capital. Há um número mais ou menos igual de informantes de ambos os sexos e temos aí representada ampla variedade de ocupações, porém a idade, a instrução e, até certo ponto, o nível sócio-econômico são as principais variáveis consideradas neste estudo. Dentro das variáveis de idade e instrução há quatro variantes: A (de 10 a 15 anos), B (de 16 a 25 anos), C (de 26 a 40 anos), e D (de 41 anos para cima); e 1 (pouca ou nenhuma instrução), 2 (primário concluído ou em curso), 3 (ginásio ou colegial concluído ou em curso) e 4 (universitários ou pessoas já formadas em faculdade) Cada informante falou entre trinta e noventa minutos, em conversa livre, e a maioria participou dos testes complementares.

Além disso, oitenta e seis informantes fizeram uma prova escrita. Esses alunos (todos ginásianos) são classificados na base de sua situação sócio-econômica. O grupo baixo é constituído de estudantes de curso noturno, que só numa idade relativamente avançada tiveram a oportunidade de terminar o ginásio. Ademais, as ocupações dos pais são modestas e nesse grupo há maior percentagem de pais falecidos. O grupo médio consiste em estudantes típicos da classe média-baixa. O grupo alto está representado por alunos de um dos melhores colégios de São Paulo. As ocupações dos pais, particularmente das mães, estão muito acima das do brasileiro padrão. Esses três níveis, obtidos através da prova escrita, daqui em diante serão chamados as variantes baixa, média e alta da variável sócio-econômica.

2. Uma regra para o emprego do subjuntivo

Há numerosas regras propostas para o emprego do subjuntivo em livros didáticos de português para falantes nativos e para estran-

geiros. (4) A teoria lingüística recente sugere que é mais prático reduzir as numerosas regras para o emprego do subjuntivo a uma só. (5) Além disso, um exame cuidadoso da maneira como se usa o subjuntivo na comunidade lingüística apóia a hipótese de que uma única regra dá conta de todos os empregos. Proponho que um traço semântico só — [+ *reserva*] subjaz a todos os usos do subjuntivo. (6) Isto é, todas as suas ocorrências denotam uma atitude de reserva subjetiva para com a realidade da proposição expressa na oração que contém o subjuntivo. Por outro lado, o emprego do indicativo reflete uma ausência de tal atitude por parte do falante. Por exemplo, quando um falante diz:

(1) Você irá comigo.

supõe que a pessoa com quem fala realmente vai. Já quando se emprega o subjuntivo

(2) *Venha* comigo.

o falante não tem certeza de que a pessoa irá. De maneira semelhante, na frase.

(3) Acredito que você vá.

o falante não acha que a pessoa efetivamente vai; portanto o subjuntivo é usado para mostrar o ponto de vista subjetivo. Este conceito de

(4) — Para uma avaliação de textos recentes e tradicionais, ver Irene Wherritt, "The Subjunctive in Brazilian Portuguese", Diss., Univ. of New Mexico, 1977, p. 14-32. Textos discutidos são: Maria Isabel Abreu e Cléa Rameh, *Português Contemporâneo* 1, 2 (Washington, Georgetown Univ. Pres, 1971); Celso Cunha, *Gramática do Português Contemporâneo* (Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1970); Fred P. Ellison et al., *Modern Portuguese: A Project of the Modern Language Association* (New York: Alfred A. Knoph, 1971); Maria de Lourdes Sá Pereira, *Brazilian Portuguese Grammar* (Lexington: D. C. Heath, 1948); Manoel Said Ali, *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (São Paulo: Melhoramentos, 1965); e Earl Thomas, *A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese* (Nashville: Vanderbilt Univ. Press, 1969). Pode-se constatar que seis autores empregam 54 regras diferentes para explicar o subjuntivo. O número utilizado por um dado autor são 32 regras.

(5) — Por exemplo, John J. Bergen, "One Rule for the Spanish Subjunctive," *Hispania* 60 (May, 1978); Philip W. Klein, "Observations on the Semantics of Mood in Spanish," Diss., Univ. of Washington, 1974, e Tracy Terrell, "Assertion and Presupposition in Spanish Complements," *Current Studies in Romance Linguistics*, ed. Marta Luján e Fritz Hensey (Washington: Georgetown Univ. Press, 1976) pp. 221-45 afirmam que há uma única regra que explica todos os empregos do subjuntivo em espanhol.

(6) — Este traço e a seguinte regra estão explicados com mais detalhes em Wherritt, pp. 34-41. Para uma discussão semelhante do subjuntivo em espanhol, ver Bergen.

reserva subjetiva subjaz todos os empregos do subjuntivo em português. Chamamos a regra *T Subjuntivo*. A ocorrência do traço [+ *reserva*] numa entrada lexical leva ao emprego do subjuntivo no verbo da oração encaixada que se segue. (7) Ou, em outras palavras, o emprego do indicativo ou do subjuntivo numa dada oração depende do ponto de vista manifestado em relação àquela proposição na oração dominante anterior (e somente na oração dominante anterior), não de uma verdade metafísica ou da falsidade da própria proposição.

3. Observações gerais

No uso normativo, o subjuntivo sempre aparece nas orações substantivas que são objeto direto de matrizes de volição (e.g., *querer*, *exigir*, e *pedir*) ou que são sujeito ou complemento predicativo de tais matrizes (e.g., *ser preciso*, *bastar*, e *a exigência é*) Dependendo do sentido desejado, usa-se indicativo ou subjuntivo nas orações substantivas que são objeto direto das matrizes de emoção (8) e crença (e.g., *sentir*, *achar*, e *pensar*) ou que são sujeito de tais matrizes (e.g., *é incrível*, *é duvidoso*, e *é possível*)

O corpus de conversa livre contém cento e dezesseis orações nas quais é facultativo ou obrigatório usar o subjuntivo na oração substantiva. A Tabela 1 enumera as matrizes (9) das quais dependem as

TABELA 1
O SUBJUNTIVO NA ORAÇÕES SUBSANTIVAS
CLASSIFICADAS POR EXPRESSÃO MATRIZ

Número de Ocorrências	Expressão Matriz	Ocorrência do Subjuntivo na Oração Substantiva		Ocorrência do Indicativo Oração Substantiva	
		Presente do Subjuntivo	Imperfeito do Subjuntivo	Presente do Indicativo	Passado do Indicativo
38	querer	17	7	13	1
14	gostar	2	8	3	1

(7) — É proposto em Wherritt, pp. 129-33 que as orações independentes também são “orações encaixadas,” visto que estão encaixadas numa oração dominante “performativa” que foi suprimida da estrutura superficial por uma transformação.

(8) — Quando *sentir* tem o sentido de ‘perceber por meio de qualquer órgão dos sentidos’ e não o de ‘lamentar’ é seguido pelo indicativo, mas não há exemplos do primeiro sentido no corpus.

(9) — Nem todas as lacunas nesta tabela são significativas. Os verbos *falar* e *dizer*, por exemplo, são seguidos pelo indicativo quando relatam um acontecimento, mas não existem exemplos deste emprego no corpus.

14	pensar*	1	11		2
7	acreditar*	3		4	
7	esperar	4	2	1	
6	fazer	1			
	fazer votos	2			
	fazer com				
	que	1			
	fazer quetão	1	1		
	achar*	1			
5	não achar	1		3	
	dizer*	4			
4	ser preciso	2			
3	deixar	3		1	
3	falar*				
2	duvidar			2	1
2	exigir			1	
2	proibir	2			1
2	ter (estar		1		
2	com) medo	1	1		
	pedir		1		
1	a exigência é				
1	bastar	1			
1	impedir	1			
1	imaginar*	1			
1	crer*	1			
1				1	
117		50	32	29	6

(*) No uso normativo, a estas expressões segue-se indicativo ou subjuntivo, dependendo do sentido desejado.

orações substantivas; também indica o número de vezes no corpus em que ambos, subjuntivo e indicativo, aparecem nas orações substantivas que são dominadas por cada matriz.

A partir da Tabela 1 vemos que as construções com oração substantiva não se usam com muita frequência na língua falada. Ocorrem só cento e dezessete exemplos durante cerca de sessenta horas de gravação (aproximadamente duas ocorrências por hora) (10) Os exemplos seguintes ilustram as matrizes mais frequentemente usadas:

(10) — A baixa frequência de variáveis sintáticas num corpus médio torna a situação difícil para extrair conclusões do corpus (Labov, *Patterns*, pp. 190, 204, e 247). Obviamente este é o caso no presente estudo.

querer (38 exemplos):

(4) Ela quer que *use* a minha bola de cristal para saber o que vai acontecer. (D4)

(5) Por isso que ela quer que eu *pergunte* sobre o amor. (B2)

gostar (14 exemplos):

(6) Agora que assunto mais você gostaria que eu *abordasse?* (D3)

(7) Gosto que *seja* mais funda do que a gente. (A2)

pensar (14 exemplos):

(8) Eu pensei que não *fosse* gravar. (B4)

(9) A gente deve usar o que eu penso que *fique* bem em mim (D3)

acreditar (7 exemplos):

(10) Aqui eu acredito que *seja* mais adiantado. (B2)

(11) Eu acredito que *exija* mais. (B4)

esperar (7 exemplos):

(12) Espero que seu trabalho *saia*. (B4)

(13) Agora espero que no jogo contra Escócia ou contra Zaire *seja* bem melhor, n'ê? (B2)

fazer (7 exemplos):

(14) Isso faz com que o nível do curso *caia* um pouco. (B4)

(15) Meu pai fez questão que nós *aprendêssemos* a língua. (D2)

e *achar* (5 exemplos):

(16) E eu não acho que o Nixon *seja* um mal presidente, não. (C2)

(17) O único problema que, e acho que *seja* dificuldade que o governo está enfrentando na implantação, é que. (B4)

Os códigos entre parênteses nos exemplos acima (11) mostram que falantes de vários níveis de idade e de instrução usam o subjuntivo nas orações substantivas. Porém, a flexão resulta em redundância; (12)

(11) — Apenas os exemplos com código entre parênteses são extraídos do corpus gravado. A letra e o número se referem à idade e nível de instrução respectivamente.

(12) — Charles F. Hockett, *A Course in Modern Linguistics* (New York: Macmillan, 1958) pp. 87-91 e William E. Bull, *Spanish for Teachers: Applied Linguistics* (New York: Ronald, 1965) pp. 104 e 115.

por conseguinte, todos os empregos do subjuntivo são redundantes no sentido de que [+ *reserva*] na oração dominante e o subjuntivo na oração encaixada dizem a mesma coisa. Em algumas orações substantivas o falante ignora a redundância expressa pelo subjuntivo. Por exemplo, os falantes de vários níveis de idade e de instrução mostram considerável desvio do uso normativo nesse tipo de oração (nos exemplos a seguir, o grifo indica as formas não normativas):

- (18) Ela quer que *vai* na igreja dela para saber tanta coisa. (D1)
 (19) Quer que eu *faço*? (C4)
 (20) Eles gosta que *casam* moço também. (D1)
 (21) Mas meu marido não gostava que eu *usava* aparelho. (D1)
 (22) Espero que dessa vez eu *vou* para frente. (B2)
 (23) E assim os pais faz questão que *seje* tudo da igreja que significa uma família só, n'ê? (D1)
 (24) A senhora não esperava que *vinha* *vinhesse* p'ro Brasil, n'ê? (B2)

Observem-se as seguintes variações: o uso popular do indicativo em lugar do uso normativo do subjuntivo na oração subordinada (frases [18]-[21]; a omissão do sufixo de terceira pessoa do plural na forma do verbo matriz ([20] e [23]); e o uso de formas antinormativas do presente do subjuntivo e do imperfeito do subjuntivo ([23] e [24]) A única variação tratada neste estudo é o uso popular do indicativo nas frases nas quais o subjuntivo é o que a norma prescreve.

A maioria dos cinqüenta e seis informantes também foi submetida a uma série de testes de repetir e completar frases, e de opinar intuitivamente sobre duas frases. A Tabela 2 apresenta dados obtidos atra-

TABELA 2

TESTE DE COMPLETAR E REPETIR: ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Expressão Matriz	Tempo do Verbo Dominante	Tipo de Teste	Número de Informantes	Porcentagem de Ocorrências do Indicativo na Oração
querer	presente	repetir	16	13
querer	passado	repetir	32	0
querer	presente	opinar	22	5
querer	presente	completar	33	15
querer	passado	completar	15	0

gostar	presente	repetir	16	13
gostar	passado	repetir	21	0
gostar	presente	completar	14	7
esperar	presente	completar	5	20
sugerir	presente	completar	5	20
preferir	presente	repetir	15	7
sentir	presente	completar	5	80
sentir	passado	repetir	13	31
ter medo	presente	completar	31	26
ter medo	passado	completar	15	7
ter medo	passado	repetir	13	8
ser possível	presente	repetir	16	0
ser bom	passado	completar	4	0
duvidar	presente	completar	4	0
duvidar	presente	repetir	4	0
achar	presente	completar	4	0*
crer	presente	completar	18	28
não crer	presente	completar	14	61*
não crer	presente	repetir	18	21
acreditar	presente	completar	5	80*
acreditar	presente	repetir	13	15*
não acreditar	presente	repetir	16	13
pensar	passado	repetir	13	8*
pensar	passado	opinar	20	35*

(*) Tanto indicativo como subjuntivo podem seguir essas expressões no uso normativo, conforme o sentido desejado.

vés dos referidos testes, permitindo a conclusão relativa ao desvio do uso normativo que já extraímos da Tabela 1. O número de pessoas que repetiram, completaram, ou opinaram¹³ sobre cada frase está incluído na tabela. As Tabelas 1 e 2 nos levam à conclusão de que os brasileiros usam o indicativo com certa freqüência nas orações substantivas depois de muitas matrizes (como por exemplo *querer*, *gostar*, *sugerir*, *não crer*, e *não acreditar*) que no normativo só admi-

(13) — Alguns testes (e.g., o emprego de *sentir*) são menos precisos por causa do número baixo de informantes. Uma lista completa das frases usadas nos testes de todo este estudo se encontra em Wherritt, pp. 180-86.

tem o subjuntivo. Evidencia-se que na comunidade lingüística o emprego do subjuntivo nas orações substantivas muitas vezes difere do uso normativo. A variação é maior depois de algumas matrizes. Nos itens 4, 5, 6 e 7 veremos por que tal variação ocorre e em que construções é mais comum.

4. Emprego do indicativo conforme o sentido desejado

A Tabela 2 revela que freqüentemente o indicativo aparece depois de verbos de crença. Isto acontece porque depois de muitas dessas expressões (tais como *crer*, *acreditar*, e *achar*) usa-se ou indicativo ou subjuntivo, dependendo do sentido desejado, como exemplificado nos dois casos abaixo:

(25) Acho que as mulheres aqui no Brasil *são* ainda dependentes de homens. (B3)

(26) Acho que *seja* dificuldade que o governo está enfrentando. (B4)

Com exceção do verbo *pensar* no pretérito, há poucas ocorrências de matrizes de crença no corpus de conversa livre. Os testes complementares (completar e repetir), resumidos na Tabela 3, re-

TABELA 3

PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DO SUBJUNTIVO

DEPOIS DE EXPRESSÕES DE CRENÇA:

TESTES DE COMPLETAR E REPETIR

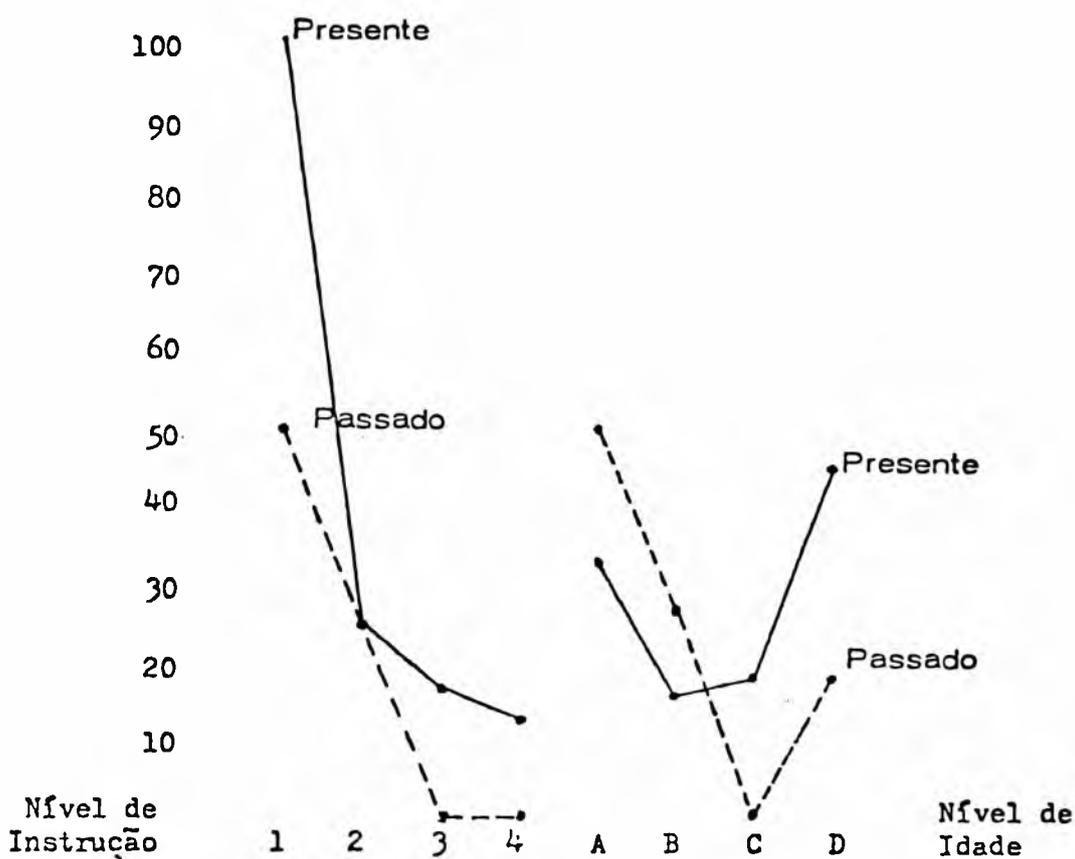
Expressão Matriz	
achar	0
crer	39
não crer	75
acreditar	82
não acreditar	85
duvidar	100
ser possível	100

velam que o subjuntivo é mais comum depois de algumas matrizes de crença do que depois de outras. A negação de uma matriz de opinião positiva (como *não crer* e *não achar*) expressa reserva para com a proposição da oração substantiva, de tal modo exigindo o subjuntivo e reduzindo a variação entre os falantes. Não há exemplos, no corpus ou nos testes, da negação de uma matriz de opinião negativa como *duvidar*, mas Thomas (p. 108) afirma que se usa o subjuntivo em tais casos.

5. Correlação entre o emprego dos modos e a idade, instrução e classe sócio-econômica

O emprego do indicativo nas orações substantivas não só depende do sentido desejado mas também da idade, instrução e classe sócio-econômica do falante. A Tabela 4 relaciona estas variáveis ao

TABELA 4
PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DO INDICATIVO NAS ORAÇÕES
SUBSTANTIVAS: USOS NORMATIVOS EM CONVERSA LIVRE



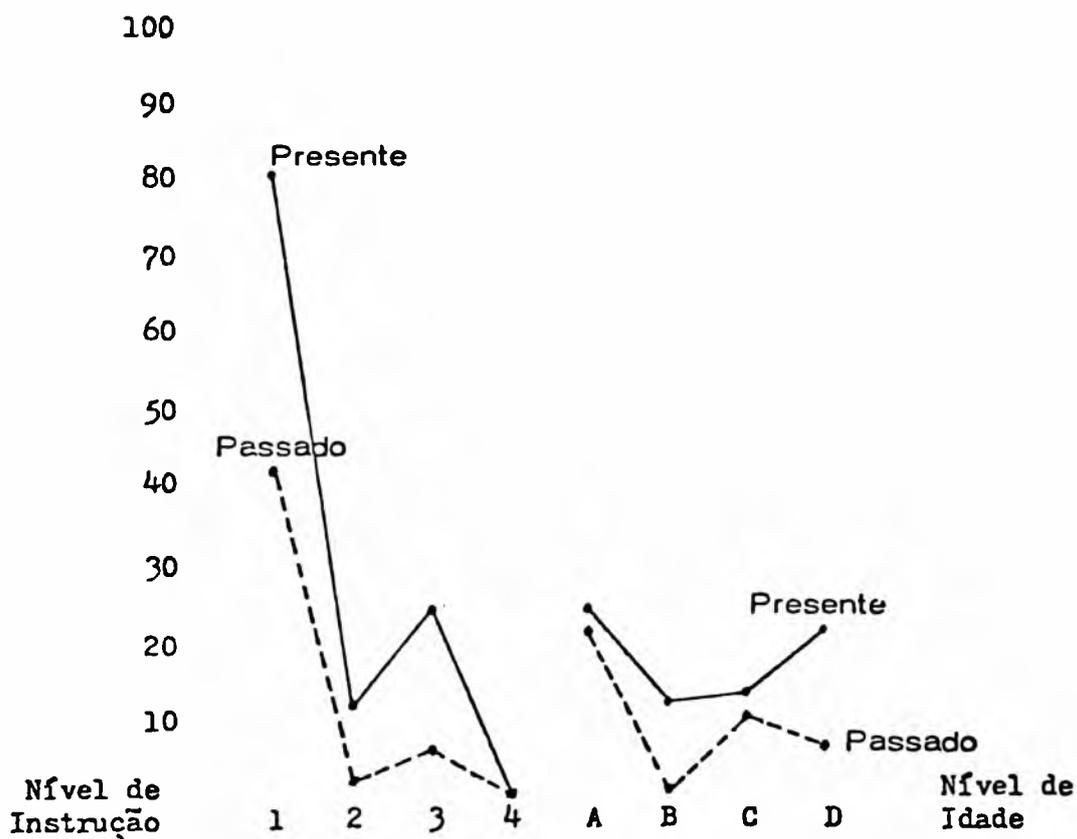
grau de desvio do uso normativo em conversa livre, nas orações em que o subjuntivo é obrigatório segundo as normas prescritivas. A

Tabela 5 resume os resultados dos testes de repetir e completar baseados em muitas das mesmas expressões matrizes (*querer, gostar, esperar, sugerir, preferir, sentir, e ter medo*) que aparecem no corpus de conversa livre.

Na Tabela 4 e, até certo ponto, na Tabela 5, vemos que quanto mais baixo o nível de instrução do falante, tanto maior sua tendência a usar o indicativo depois da expressão matriz. As duas tabelas indicam que o presente do subjuntivo é menos usado de acordo com as normas do que o imperfeito do subjuntivo. Em conversa livre, até

TABELA 5

PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DO INDICATIVO NAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS: USO NÃO NORAMATIVOS NOS TESTES DE; REPETIR E COMPLETAR



falantes de alto nível de instrução não usam sistematicamente o presente do subjuntivo depois de muitas expressões que o exigem na gramática normativa. Porém falantes dos níveis mais altos de instrução comumente respeitam o uso normativo do imperfeito do subjuntivo nas orações substantivas, e até falantes dos dois níveis mais baixos

de instrução manifestam uma tendência muito maior a usar o imperfeito do subjuntivo em tais orações de acordo com as normas prescritivas.

Geralmente os falantes dos dois grupos médios de idade apresentam maior freqüência no uso normativo do subjuntivo do que os falantes com as idades de 10 a 15 anos e os de 41 anos para cima. Formulemos a hipótese de que os falantes com menos de 15 anos ainda não aprenderam adequadamente o uso normativo do subjuntivo e temos motivos para crer que pesquisa posterior confirmará essa hipótese. (14) No presente estudo os falantes de idade mais avançada inclinam-se a usar mais o indicativo em comparação aos falantes de 25 a 40 anos, porque só um informante no grupo mais velho é formado em faculdade (e ele não fez os testes de repetir e completar) Algumas matrizes de crença estão incluídas nos dados da Tabela 4. Além disso um item do teste escrito sugere que a escolha dos modos depois de expressões de crença também revela estratificação de níveis sócio-econômicos dos falantes. Enquanto a forma indicativa *é* foi colocada na lacuna da frase (27) por 48 por cento dos informantes do nível sócio-econômico baixo, e por 25 por cento dos nível médio, os falantes do nível mais alto invariavelmente preencheram a lacuna com a forma subjuntiva *seja*:

(27) Não creio que _____ (ser) o pior de todos.

6. Emprego não normativo do presente e do passado do indicativo nas orações substantivas

A maior freqüência de emprego não normativo torna-se evidente depois das matrizes *querer* e *gostar*. Além disso, o emprego depois de formas do pretérito perfeito de *pensar* é condizente com as normas. A seguir tratamos do emprego depois de *querer*

6.1 Emprego depois de *querer*

A Tabela 6 sugere que os falantes usam mais formas de presente do indicativo que de passado depois de *querer*, *gostar* e *ter medo*;

(14) — Labov, *Patterns*, p. 205, acredita que “eventually we will be in a position to assert a speaker does not have a given from his system because of his consistent failure to use it in a context where other members of the the community do so regularly.”

TABELA 6
 PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DO INDICATIVO
 NAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS DOMINADAS POR *QUERER*, *GOSTAR*
 E *TER MEDO*: TESTES DE REPETIR E COMPLETAR

Expressão Matriz	Presente do Indicativo	Passado do Indicativo
querer	13, 5, 15	0, 0
gostar	13, 7	0
ter medo	25	7, 8

entretanto, as Tabelas 6 e 7 em conjunto mostram que os dados sobre *querer* são mais completos e conclusivos do que para outras matri-

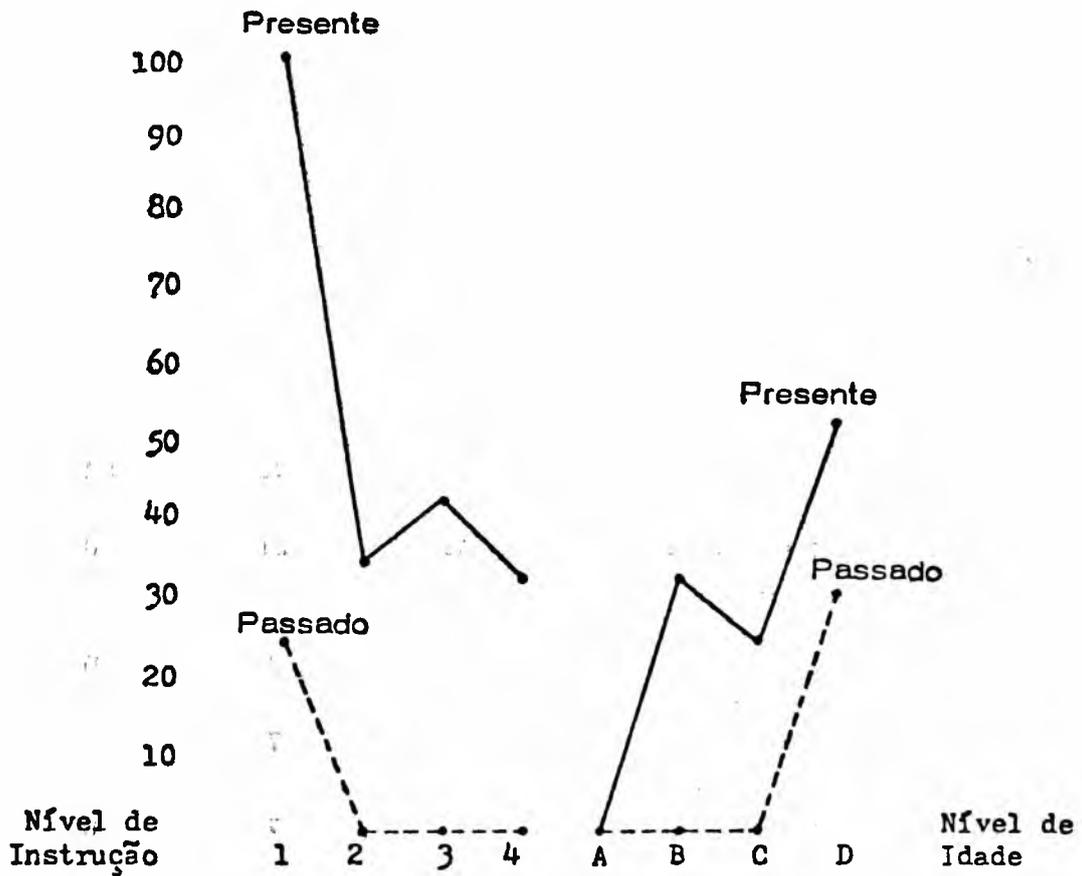
TABELA 7
 PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DO INDICATIVO
 NAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS: TESTE DE PREENCHER LACUNAS

Expressão Matriz	Tempo da Expressão	Nível Sócio-econômico		
		baixo	médio	alto
querer	presente do indicativo	55	21	0
querer	passado do indicativo	7	3	0
gostar	passado do indicativo	3	7	3
ter medo	presente do indicativo	7	7	0
ter medo	passado do indicativo	7	3	0

zes. A Tabela 7, em particular, mostra a extensão de emprego do indicativo depois da matriz *querer* por falantes dos níveis sócio-econômicos baixo e médio. Da mesma forma a Tabela 8 distingue

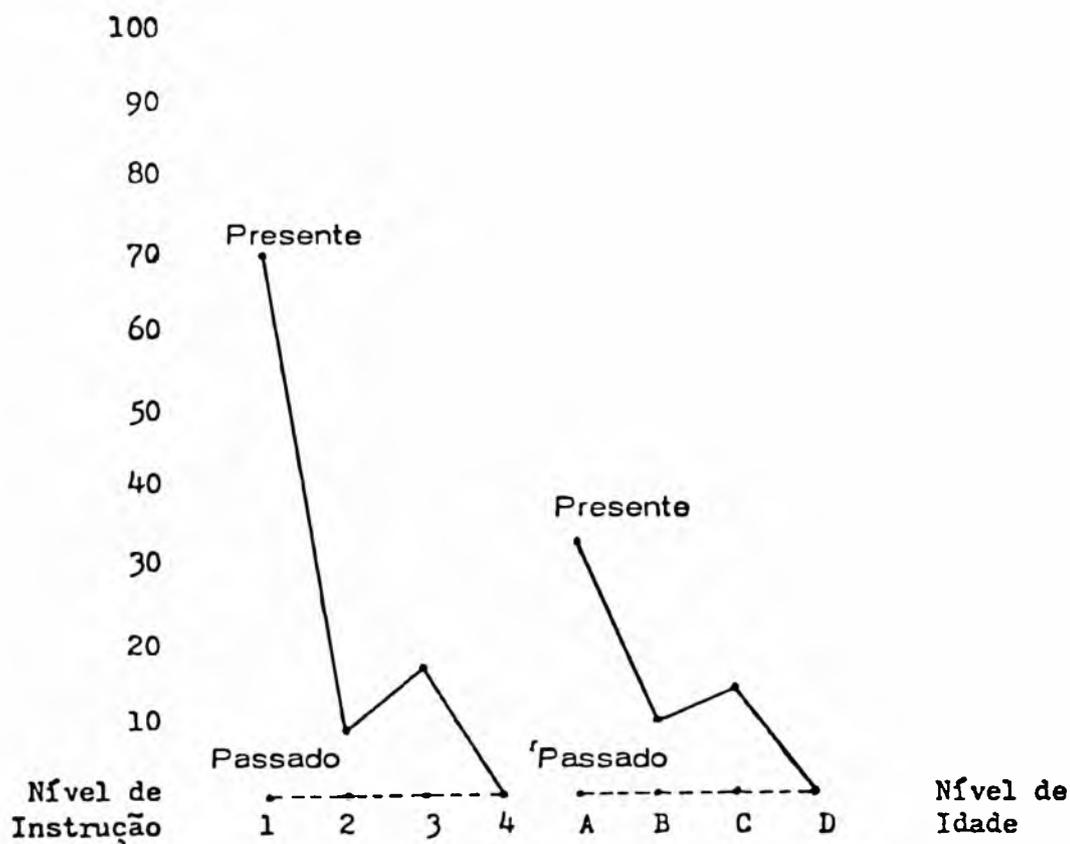
TABELA 8

PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DO INDICATIVO NAS ORAÇÕES
SUBSTANTIVAS: USO NÃO NOMATIVO EM CONVERSA LIVRE
DEPOIS DE *QUERER*



as orações substantivas governadas por *querer* de outros tipos de orações substantivas que se apresentam no corpus de conversa livre; a Tabela 9 mostra os resultados dos testes de repetir e completar

TABELA 9
 PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DO INDICATIVO NAS ORAÇÕES
 DOMINADAS POR *QUERER*: USO NÃO NORMATIVO NOS
 TESTES DE REPETIR E COMPLETAR



tar com respeito ao emprego dos modos nas orações que são direto de *querer*. Mais notável inclusive, que a estratificação das variantes de instrução e situação sócio-econômica (ver também a Tabela 7) é a relação de emprego do tempo com o dos modos nas orações dominadas por *querer*. (15) O indicativo ocorre muito mais freqüentemente no presente do que no passado. Só os falantes do nível de instrução 1 e do nível de idade D usam sempre o imperfeito do indicativo

(15) — Depois de *gostar* (embora os dados comparativos entre o uso não normativo do presente e do passado do indicativo estejam mais limitados) os informantes também usam o presente do indicativo mais do que o passado do indicativo (ver Tabelas 6 e 7). Depois de *esperar*, também, os falantes podem ter essa tendência mas os meus dados estão incompletos. Depois de *ter medo* os falantes não mostram essa tendência exceto nos testes de completar.

em tais orações na conversa livre e nenhum informante o emprega nos testes de completar e de repetir.

Há uma razão pela qual este emprego não normativo do presente do indicativo é mais comum que o do passado, especialmente depois de verbos de volição; no corpus o mesmo emprego não normativo do presente do indicativo nas orações (comandos encaixados) governadas por matrizes como *querer* também ocorre frequentemente nos próprios comandos:

(28) Quero que *desce* essa rua.

(29) *Desce* essa rua. (C2)

No corpus de conversa livre 72 por cento dos comandos estão no indicativo. Por isso acreditamos ser possível que a mesma regra variável que é responsável pela variação de modo nos comandos (nos quais o tempo é necessariamente o presente) também dê conta da variação entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo nas orações introduzidas por matrizes de volição como *querer*. Isto é, em ambos os casos *T subjuntivo* aplica-se a formas não passadas e sob as mesmas condições semânticas.

Entretanto, nas frases

(30) O professor queria que eu *fizesse*. (A1)

(31) Eles não queriam que eu *sáisse*. (B2)

as formas do imperfeito do subjuntivo *fizesse* e *sáisse* não são comandos encaixados; descrevem, antes desejos que poderiam ou não ter sido realizados. (16) É razoável supor que os falantes observam o emprego não normativo do imperfeito do subjuntivo mais do que o do presente do subjuntivo depois de matrizes de volição como *querer*, pelo fato das orações que contêm verbos no passado não serem comandos encaixados.

6.2 Emprego depois de *gostar*

Como está indicado na Tabela 1, das cinco ocorrências de presente do indicativo na matriz *gostar* em conversa livre, três são seguidas de presente do indicativo; por outro lado, há nove exemplos da matriz *gostar* com formas de passado, e apenas um deles é seguido por uma oração que contém indicativo:

(32) Fazer o lar da gente mesmo como a gente gosta que *seja*, n'ê? (D1)

(33) Eles gosta que *casa* com os irmão daquela igreja. (D1)

(16) — Ver María Lucía Rivero, "La Concepción de los Modos en la Gramática de Andrés Bello y los Verbos Abstractos en la Gramática Generativa," *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada* (Univ. de Concepción, Chile), 10, 1972), p. 63.

Ademais, os dados das Tabelas 6 e 7 também que depois de formas do presente do verbo *gostar* o indicativo ocorre mais freqüentemente que depois de formas do passado. É possível que as formas não normativas do presente depois de *gostar* se expliquem pela mesma razão dada anteriormente para verbos como *querer*

As formas de passado de *gostar*, porém, são distintas das de matrizes de volição na medida em que em toda a extensão do corpus de conversa livre as formas condicionais de *gostar* são mais numerosas do que as formas de pretérito perfeito ou imperfeito dessa matriz. Isto é, das nove frases do corpus que têm uma forma passada de *gostar* na oração matriz, todas, exceto uma, contêm uma forma condicional e não uma forma do imperfeito do indicativo de *gostar*. Nessas oito frases a ação se refere a um desejo no momento presente:

(34) Gostaria que você *fizesse* as perguntas. (D3)

(35) Não pensa em mim quanto eu gostaria que *fosse*. (D3)

(36) Gostaria que os americanos *tivesse* nas competição, 'viu?'
(C1)

Como os exemplos indicam, em tais casos a oração substantiva expressa uma declaração contrária ao fato. Porém, quando a matriz é o imperfeito do indicativo *gostava*, a proposição na oração encaixada é vista como habitual, não contrária ao fato; o subjuntivo não é usado no único exemplo no corpus:

(37) Meu marido não gostava que eu *usava* aparelho. (D1)

Num teste oral pedi aos informantes que substituíssem o tempo do verbo das expressões matrizes do presente para o passado; entre os numerosos verbos matrizes (*achar, acreditar, deixar, duvidar, esperar, fazer, gostar, importar, pedir, preferir, e querer*) só *gostar* foi sistematicamente mudado para o condicional. De maneira semelhante, na seguinte frase do teste escrito, 84 de 87 informantes representando cada nível sócio-econômico apresentaram a forma condicional *gostariam*:

(38) Meus pais ————— (gostar) que eu estudasse inglês.

As únicas variações foram uma pessoa que utilizou *gostam* e duas que escreveram *gostavam*.

Depois de *gostaria que* emprega-se regularmente o imperfeito do subjuntivo na oração substantiva. O grau de desvio deste emprego do imperfeito do subjuntivo é de 11 por cento em conversa livre; zero por cento nos testes de repetição; e 3 por cento, 7 por cento e 3 por cento, para falantes dos níveis sócio-econômicos baixo, médio e alto respectivamente, no teste escrito.

6.3 Emprego depois de *pensar*

O emprego dos modos depois de formas do passado de *pensar* é semelhante àquele que ocorre depois de *querer* e *gostar*

(39) Ah, pensei que *fosse* agora, domingo. (B3)

(40) Pegaram meu cartão pensando que *fosse* dele. (B3)

O subjuntivo está na oração encaixada em onze das treze frases desse tipo que aparecem no corpus. Além disso, num teste de opinião intuitiva, 65 por cento dos informantes preferem a forma *fosse* na oração substantiva do exemplo (41), 5 por cento dizem que só usariam o indicativo *era*, e 30 por cento indicam que lhes é indiferente o emprego dos dois modos em tal caso:

(41) Ah, eu não sabia, pensei que *fosse* ele.

Além disso doze de treze informantes repetiram a frase (42) usando *fosse* (uma pessoa estava em dúvida)

(42) Pensei que *fosse* ele quando ouvi o carro chegar.

É evidente que este emprego do imperfeito do subjuntivo é um hábito arraigado na língua falada. (17) Apesar disso, o indicativo é utilizado às vezes:

(43) Pensei que *era* difícil seu nome. (B2)

(44) Não pensei que *fosse* fruta, pensei que *era* outra coisa. (C2)

O subjuntivo é usado numa declaração contrária ao fato na comparação de duas idéias (quando é negada a veracidade da idéia expressa pelo subjuntivo):

(45) Pensei que *fosse* professora Ah, você estuda. (D1)

(46) Ah, no cinema, sim, eu pensei que *fosse* em televisão.

ou numa declaração contrária ao fato na qual não se subentende uma comparação:

(47) Eu pensei que *tivesse* muita gente. (B4)

(48) Pensei que ela *tivesse vindo* e *tivesse falado* com você. (C4)

Utiliza-se às vezes o indicativo quando a proposição em questão é considerada real (ver as frases [43] e [44]). Entretanto, os informantes dos níveis de instrução mais baixos são os únicos que geralmente usam ou preferem o indicativo nas orações substantivas objeto do

(17) — É mais comum precedido pela matriz (*Eu*) *pensei*, embora também ocorra precedido por outras formas flexionadas de *pensar*; ver a frase (40).

pretérito de *pensar*; portanto, este emprego do subjuntivo não só depende do sentido da frase, mas também correlaciona-se com o grau de instrução do falante.

6.4 Conclusões sobre o emprego não normativo do presente e do passado do indicativo

Em resumo, na fala popular, o presente do indicativo ocorre com freqüência em comandos e em orações substantivas que são objeto direto de matrizes com presente do indicativo de *querer* e *gostar*. Como já foi observado, as orações substantivas que são objeto direto de *querer* são derivadas transformacionalmente da mesma maneira que formas de comandos. Por conseguinte, o uso não normativo em ambos os casos é semanticamente semelhante. O padrão de emprego do presente do indicativo depois de *gostar* sugere que a teoria também se aplique a esta expressão.

Por outro lado, o imperfeito do subjuntivo é muito empregado para indicar que a proposição é contrária ao fato (e.g., depois de *se* e depois de formas condicionais de *gostar*), e que tais proposições são encaradas sistematicamente com reserva subjetiva pelo falante. (18) Também é possível que haja uma percentagem maior de uso normativo do imperfeito do subjuntivo que do presente do subjuntivo depois de *querer* e *pensar*, por analogia com o emprego geral do primeiro em declarações que são contrárias ao fato.

7 Variação estilística

Voltando brevemente às Tabelas 4 e 5, notamos que o grau de afastamento do uso normativo é um pouco mais baixo nos testes de repetir e completar (Tabela 5) do que em conversa livre (Tabela 4). Isto não surpreende, já que a situação de teste é mais formal, e os informantes, desse modo, prestam mais atenção a sua fala. Por exemplo, nos testes formais, os falantes do nível de instrução 4 não usam de modo algum o indicativo nas orações substantivas em que a gramática normativa o prescreve, ao passo que em conversa livre (na qual prestam menos atenção à fala) empregam formas não normativas em 13 por cento das suas orações substantivas. Mas as pessoas não percebem que variam seu uso em contextos distintos. Num teste de opinião intuitiva perguntei ao informantes qual membro do par proposto usariam na sua própria fala:

(49) Quero que você *veja/vê* a mesa.

De dezoito informantes de vários níveis de idade e de instrução, todos, exceto um (C2), disseram que usariam a forma subjuntiva *veja*.

(18) — Ver Wherritt, pp. 108-18, para um estudo de orações com *se*.

A única exceção admitiu empregar, na fala rápida, o indicativo *vê*. Porém, minha análise da conversa livre mostra que esses mesmos falantes efetivamente usam o indicativo em tais casos com mais frequência do que reconhecem; acreditam que devem usar e que de fato usam o subjuntivo, mas na prática muitas vezes não o fazem. Labov, *Patterns*, se refere a este fenômeno como “linguistic insecurity” (p. 216)

Há variação estilística especialmente no presente, depois de *querer* e outros verbos de volição. Na fala de duas informantes com quem tive contacto durante vários meses geralmente era usado o subjuntivo depois de *querer*. Mas quanto mais oportunidade eu tinha para observá-las, e quanto mais à vontade ficavam em minha presença, tanto mais usavam o indicativo depois de *querer*. Uma senhora, preocupada com o fato de que eu era formada em faculdade, usava apenas o subjuntivo nesta construção, quando em minha presença. Eventualmente, na sua fala rápida, quando se entusiasmava por um assunto, ela usava o indicativo em lugar do subjuntivo. Em diversas ocasiões ela variou o emprego do modo de um ouvinte para outro. Enquanto falava comigo usava o subjuntivo:

(5) Então o que é que você quer que eu fale? (D3)

(51) Quer que eu ponha o dedo para ver se está úmido? (D3)

(52) Então ele quer que eu dê assim uns exemplos. (Notar a hesitação.) (D3)

Quando falava com o seu marido, porém, usava o indicativo:

(53) Ele não quer que faz isso. (D3)

(54) Quero que você vê. (D3)

Sua variação relaciona-se diretamente com o assunto da conversa, o nível de instrução do ouvinte e a intimidade com o ouvinte.

A outra pessoa (de nível de instrução muito elevado) também usava o indicativo nas orações substantivas depois de *querer* quando falava com sua mãe (que apesar de não ter o ginásio completo, lia e escrevia bem):

(55) Quer que lavo? (C4)

(56) Quer que eu faço? (C4)

A mãe raramente usava o subjuntivo depois de *querer*:

(57) Quero que põe isso lá. (D2)

(58) Quero que você vê a mesa. (D2)

Labov, *Patterns*, p. 208, ressalta que os falantes mostram o mesmo desvio da gramática normativa na fala informal (quando estão menos envolvidos) do que na fala emotiva (quando estão muito envolvidos emocionalmente). Ele diz que nos dois estilos “minimum attention is available for monitoring one’s own speech”. Este emprego do indicativo depois de *querer* (e também depois de *gostar*) é bastante comum na fala popular, embora esteja obviamente em desacordo com o uso normativo.

8. Correlação de tempos

Muitos livros didáticos de português que examinei explicam que quando o verbo da oração principal está no presente, o verbo da oração dependente também deve ficar no presente e da mesma forma, quando a oração principal está no passado, a oração dependente também fica no passado.

- (59) Quero que você *venha*.
- (60) Duvido que você *venha*.
- (61) Queria que você *viesses*.
- (62) Duvidei que você *viesses*.

Além disso, Sá Pereira (p. 231) assinala duas outras combinações permitidas, isto é, o emprego do presente do indicativo na oração principal seguido pelo mais que perfeito do subjuntivo ou o imperfeito do subjuntivo na oração substantiva dependente.

- (63) Duvido que ela já *tenha falado* com a mãe sobre este assunto.
- (64) Sinto muito que ela não *estivesse* lá.
- (65) Gosto que você *viesses*.

Outra seqüência, pela qual passaram por alto os gramáticos, é a ocorrência do pretérito do indicativo na oração principal seguido do presente do indicativo na oração dependente:

- (66) Pedi que ela me *diga amanhã*. (B4)

Entretanto, a mesma seqüência de tempos que é gramatical nas frases (63)-(65) não é gramatical na frase a seguir:

- (67) *Quero que você *viesses*.

A interpretação temporal do verbo da oração encaixada sempre deve ser posterior à do verbo matriz de volição (ver Rivero, p. 62). Isto explica tanto a gramaticalidade das frases (53), (61) e (66) como a agramaticalidade da frase (67).

9. Conclusões

Considerando que a presente discussão se baseia principalmente na análise de conversa livre, a descrição reflete com precisão o emprego do subjuntivo nas orações substantivas na fala popular. A Tabela 10 apresenta algumas das análises mais importantes da conversa livre e das formas complementares de obter dados.

Este estudo do emprego do modo nas orações substantivas nos leva às seguintes conclusões:

9.1 Há um grau moderado de desvio do uso normativo nas orações substantivas. Em frases como

(68) Duvido que você *vai* fazer ovo sem deixar derreter a gema, n'ê? (A1)

(69) Os médicos proibiram, uh, que ele *poderia* jogar mais. (B2)

(70) Queria que ele *fazia* isso. (D1)

(71) É preciso que se *adapta* os aparelhos para que se venha a ganhar dinheiro. (C2)

a(s) causa(s) dos usos não normativos do indicativo estará(rão) necessariamente entre as seguintes:

9 1.1 Num dado enunciado o desempenho de um falante não é condizente com a sua competência. Isto é, o uso não normativo do indicativo é simplesmente um erro que seria corrigido ou evitado se a pessoa estivesse policiando sua fala.

9.1.2 O emprego do modo também pode depender da situação em que se processa o ato de fala e dos participantes envolvidos. Nas orações substantivas os brasileiros geralmente usam menos o subjuntivo na fala informal e emotiva do que no registro formal.

9.1.3 As variáveis sociológicas também se correlacionam com o emprego do falante. Por exemplo, quanto mais uma pessoa for exposta à gramática normativa devido a sua instrução e nível sócio-econômico, maior será a probabilidade dela aplicar *T subjuntivo* de acordo com as normas prescritivas. Outra variável sociológica é a idade do falante. As pessoas mais jovens e as de meia idade geralmente obedecem ao uso normativo em menor escala que os dois grupos intermediários. Os mais moços talvez não tenham chegado a dominar o emprego do subjuntivo porque obviamente estão num nível de instrução mais baixo. Quanto ao uso não normativo do indicativo pelos mais velhos, pode-se justificar pelo fato de que em geral não atingiram o mesmo nível de instrução de muitos jovens e adultos de hoje. A correlação entre o emprego dos modos e classes sócio-econômica, nível de instrução e idade do falante sugere que um dado

TABELA 10
PERCENTAGEM DE OCORRÊNCIAS DO INDICATIVO
NAS ORAÇÕES SUBSTANTIVAS: RESUMO DOS DADOS
SOBRE O USO NÃO NORMATIVO

Expressão Matriz	Tempo do Indicativo na Oração	Conversa Livre	Testes			Repetir	Completar
			Escrito				
			baixo	médio	alto		
querer	Substantiva						
	presente	43	21	0		15	
querer	passado	13	3	0	13	0	7
	presente	60			0		
gostar	passado	11	7	38	13		
	passado	15			0		80
pensar*	presente	57			8		20
acreditar*	presente	20			15		
	passado	0					
esperar	presente	0	7	0			26
	passado	0	3	0			7
ter medo	presente	0	48	24	8		21
	passado	0					28
não crer	presente						

(*) No uso normativo, as estas expressões segue-se indicativo ou subjuntivo, dependendo do sentido desejado.

grupo social frequentemente faz uso de uma gramática que é idiossincrática àquele grupo. Tais grupos são, evidentemente, mais numerosos do que os incluídos neste estudo. Por exemplo, alguns dos informantes entrevistados pertencem ao mesmo grupo de jovens de cor de São Paulo e têm a sua própria fala, outros pertencem a uma seita protestante e empregam outro dialeto social do português, ainda outros usam um dialeto peculiar aos estudantes da Universidade de São Paulo.

9.1.4 Assim como os grupos se diferenciam no seu emprego da língua, a competência de um indivíduo pode ser distinta da norma prescrita, ou alguns indivíduos podem diferir entre si na sua competência. Isto é, na gramática de uma dada pessoa, certas entradas lexicais (que no uso normativo levam [+ *reserva*]) não levam [+ *reserva*] como um traço do seu significado; em consequência, o indicativo é usado depois de tais entradas lexicais para mostrar que o falante considera a proposição da oração encaixada um fato.

9.2 Entre as matrizes depois das quais, de acordo com a gramática normativa, se emprega o subjuntivo, *querer* é o verbo que mais aparece no indicativo na fala popular. Proponho que este uso não normativo do indicativo é derivado transformacionalmente da mesma maneira que o uso não normativo do indicativo em comandos, visto que a matriz *querer* é semanticamente semelhante ao pro-verbo performativo subentendido na estrutura profunda de comandos. (19)

9.3 Também a correlação de tempos que ocorre na fala popular é mais numerosa do que as poucas possibilidades apontadas nos livros didáticos em circulação. Além disso, depois de matrizes de volição a ação descrita pela proposição encaixada deve ser subsequente à ação da matriz (ver Rivero, p. 62)

9.5 Finalmente, embora não esteja no alcance do presente estudo, os resultados aqui apresentados sugerem novas incursões em vários tópicos da investigação lingüística: a correlação de dados sociológicos com o emprego do modo, as etapas por que passa uma criança brasileira nativa ao adquirir a competência adulta no emprego do modo, a gramática da fala popular contrastada com o uso normativo, a extensão do uso do subjuntivo na fala popular e o ensino do modo subjuntivo a estudantes não nativos.

(19) — Ver Bergen, pp. 17-21; Rivero, p. 73; e John R. Ross, "On Declarative Sentences", *Readings in English Transformational Grammar*, ed. Roderick A. Jacobs e Peter S. Rosenbaum (Waltham, Mass.: Ginn, 1970), p. 223.

Podemos comprovar através deste estudo, por meio de investigação acurada, que os brasileiros não observam sistematicamente a norma na sua utilização do modo nas orações substantivas. Precisa-se de descrições de outros aspectos da gramática do português, descrições estas que sigam orientação semelhante à adotada no presente estudo. Além disso, é fundamental que se dê mais ênfase à análise do desempenho dos falantes nativos para obter descrições mais acertadas de todas as línguas.